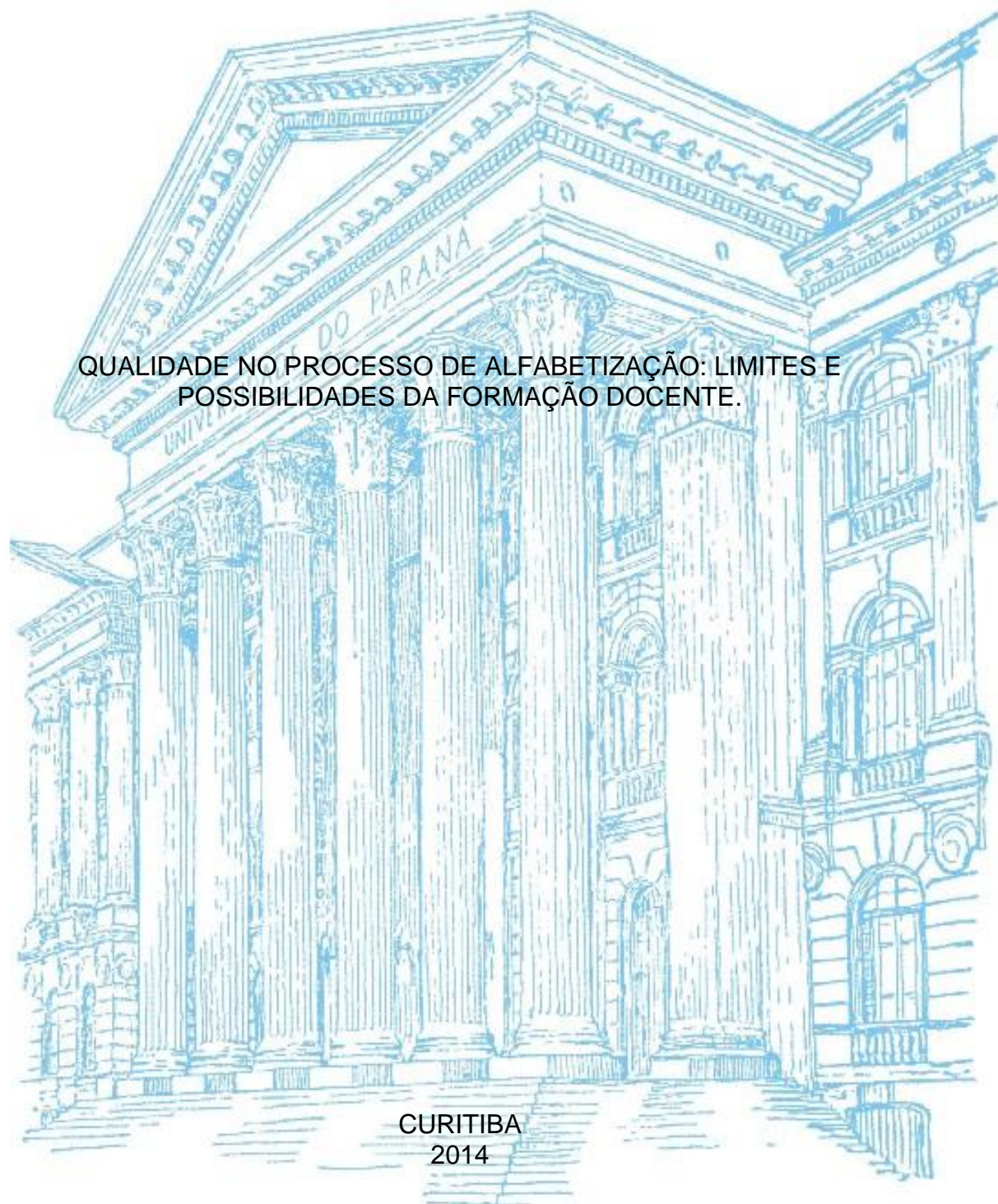


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

MEIRIANE ALVES CRISPIM



QUALIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: LIMITES E  
POSSIBILIDADES DA FORMAÇÃO DOCENTE.

CURITIBA  
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

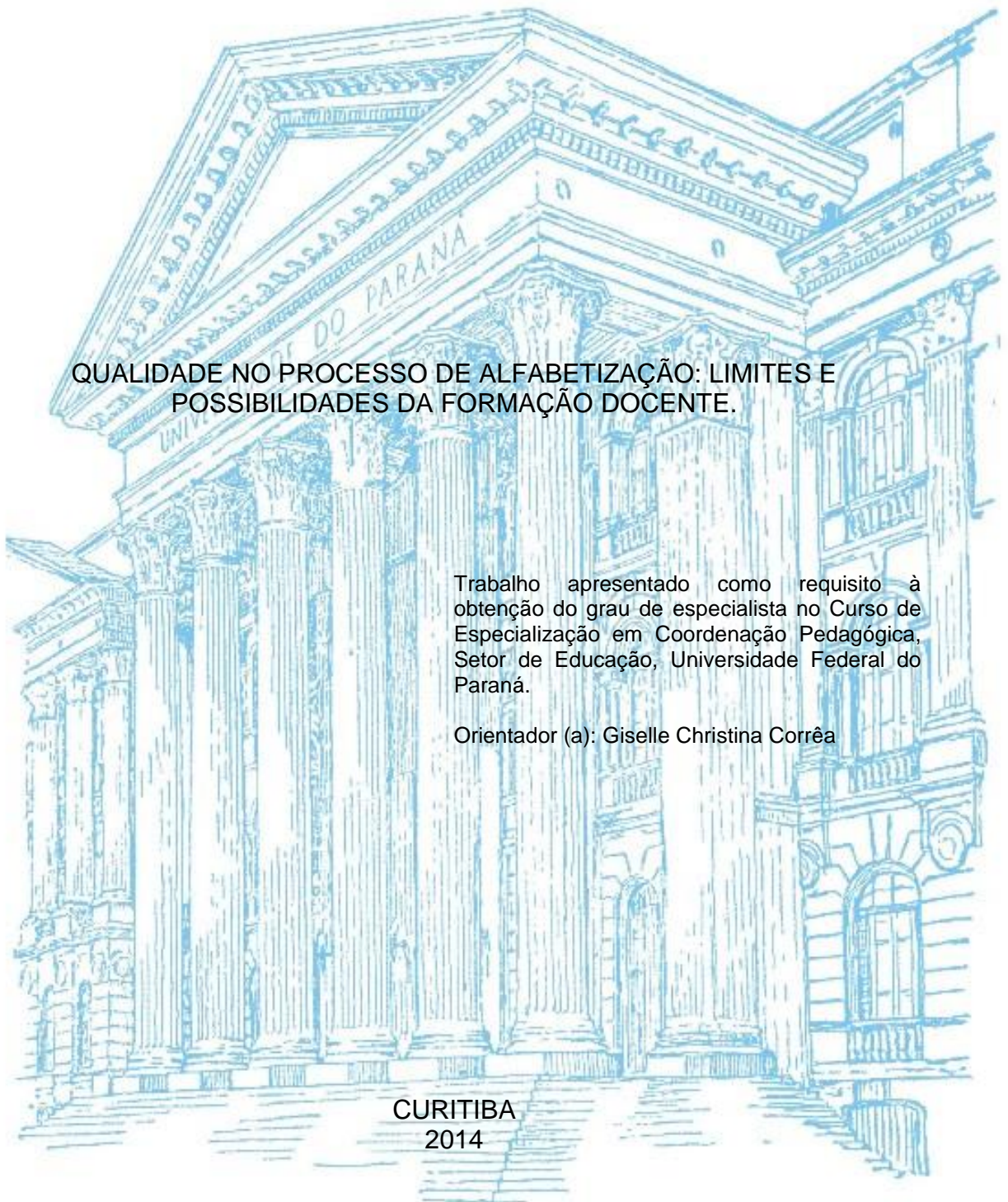
MEIRIANE ALVES CRISPIM

QUALIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: LIMITES E  
POSSIBILIDADES DA FORMAÇÃO DOCENTE.

Trabalho apresentado como requisito à  
obtenção do grau de especialista no Curso de  
Especialização em Coordenação Pedagógica,  
Setor de Educação, Universidade Federal do  
Paraná.

Orientador (a): Giselle Christina Corrêa

CURITIBA  
2014



# QUALIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: LIMITES E POSSIBILIDADES DA FORMAÇÃO DOCENTE.

MEIRIANE ALVES CRISPIM\*

## RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar um dos fatores que interferem na qualidade do processo de alfabetização: a formação docente. Retratando as limitações de conhecimentos de professores com nível superior, que atuam diretamente com turmas de alfabetização na escola pública, devido à falta de preparação recebida em formações, sejam elas iniciais, continuadas ou em serviço. Ainda procura-se analisar que para obter qualidade é necessário aferir significado ao que se estuda, no caso, a alfabetização. Percebendo os equívocos na construção dos caminhos metodológicos por desconhecimento do resultado que se pretende alcançar no ciclo de alfabetização.

Palavras-chave: Qualidade da Educação, Alfabetização, Formação docente.

---

\*Artigo produzido pela aluna Meiriane Alves Crispim do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Giselle Christina Corrêa. E-mail: meiry\_anne@yahoo.com.br

## 1. Introdução

O presente artigo refletirá sobre o processo de alfabetização na escola pública, analisando os resultados encontrados atualmente no que diz respeito à qualidade no processo de alfabetização. Busca-se analisar e compreender o conceito de qualidade da alfabetização, e as concepções docentes sobre a relação entre suas formações e a qualidade em alfabetizar. A qualidade no processo de alfabetização não é determinada por um único fator, por ser um conceito complexo, com múltiplos determinantes, mas neste estudo analisaremos as implicações da formação docente, da preparação para o ato de alfabetizar, retratando seus limites e possibilidades no objetivo que se busca.

Observou-se as inquietações docentes e seus relatos sobre a formação recebida, os desafios encontrados, as limitações de conhecimentos e formações continuadas, assim como, a realidade escolar. Fatos que elevam a preocupação com o processo de alfabetização nos anos iniciais, pois para educar é necessário tomar decisões políticas e ideológicas, assim como, escolher o caminho que será percorrido, com conhecimentos científicos, reflexivos e práticos.

Para analisar a qualidade da alfabetização brasileira, será necessário compreender como a formação de professores se efetiva, de acordo com suas percepções sobre a formação que obtiveram. Assim como as limitações e possibilidades no fazer pedagógico diário, retratando as necessidades de avanços na formação de professores e a relação com algumas políticas públicas em andamento, que têm como objeto de intervenção a alfabetização e o fazer pedagógico.

A vivência na escola pública, a interação com os discursos, com a rotina escolar e as problemáticas diárias, nos traz reflexões e inquietações sobre diversas situações. Mas algumas delas são extremamente ressaltadas nos resultados e nas próprias relações entre o desenvolvimento e o aprendizado.

Por meio de debates realizados nos momentos de Conselho de Classe e Reuniões Pedagógicas em uma escola pública municipal de São José dos Pinhais, percebe-se entre os docentes o consenso em relação à falta de preparação para lidar com o desafio de alfabetizar. Para definir o atual tema da

pesquisa, destacou-se a preocupação com a realidade da qualidade da alfabetização, principalmente por tantos equívocos e impasses para sua efetivação verdadeira. Analisando e observando os discursos dos sujeitos envolvidos neste processo, percebe-se que a alfabetização ainda hoje, é um grande desafio, pois a formação inicial e continuada não atendem as necessidades reais, tanto dos professores como dos educandos.

O processo de alfabetização no Brasil demonstra grandes fragilidades, principalmente quando pensamos nos resultados esperados. A alfabetização é um ato complexo, que não apresenta receitas prontas e depende de diversos fatores que a caracterizam. Pensando assim, são necessários vários estudos detalhados sobre a complexidade da alfabetização, dentre eles, aqueles que ressaltem abordagens de diferentes áreas, conectando e relacionando os dados levantados. Sabe-se que dentro das escolas públicas, a alfabetização é um grande desafio, mas para compreender as dificuldades encontradas no fazer pedagógico desta área, pretende-se descrever os resultados da pesquisa realizada com os profissionais docentes sobre a qualidade da alfabetização e a formação acadêmica de suas carreiras.

Trata-se de uma pesquisa específica que visa compreender problemas da realidade do pesquisador e de suas inquietações, junto aos seus pares, tratando a alfabetização como um processo complexo, com fracasso recorrente em nosso país, que necessita de compreensões detalhadas de seus principais determinantes. Dentre eles, destacamos a deficiência na formação dos professores, observando as limitações de sua preparação profissional.

A estrutura deste artigo segue uma revisão literária, de pensamentos fundamentais para a compreensão da realidade educacional brasileira, no que diz respeito ao processo de alfabetização. Definiu-se um panorama geral sobre o assunto, estudos e pesquisas realizadas, compreensão dos fatores envolvidos no ato de alfabetizar, identificando concepções a respeito do significado de qualidade na alfabetização, focando seus estudos em um dos fatores que interfere neste processo, a formação docente.

Com esta análise, são descritos os conceitos observados na pesquisa, a necessidade da formação docente e o que se espera por qualidade no

processo de alfabetização. Buscando então o debate, a pesquisa e análise dos dados levantados dentro de uma unidade escolar pública.

O assunto da qualidade no processo de alfabetização é referenciado por meio de discursos, questionários e observações do pesquisador, salientando o entendimento dos conceitos pelos docentes, a formação recebida, tanto em universidades, quanto nos cursos de capacitação. As necessidades ainda presentes dentro das escolas, o desafio de compreensão sobre a superação do fracasso neste aspecto. Sendo assim, são realizadas conclusões a respeito do objeto de estudo, uma síntese das informações e relatadas as necessidades de novas pesquisas.

## **2. Revisão de Literatura**

A qualidade da educação deve ser discutida e compreendida amplamente, observando as condições intra e extraescolares para sua efetivação, dentre elas a interferência dos atores individuais e institucionais. Para referenciar a qualidade da educação é necessário analisar diversos elementos para então avaliar, qualificar e atribuir as propriedades desejadas. O que segundo o documento do Ministério da Educação, “A qualidade da educação: conceitos e definições” dependem de uma análise por meio de uma perspectiva polissêmica, principalmente pelas várias significações do conceito qualidade. É necessário compreender que as concepções e os conceitos mudam no tempo e no espaço, trazendo outras significações para este termo. Mas o fundamental é identificar as condições, dimensões e fatores que definem a educação de qualidade. A construção destas definições não é uma tarefa fácil, pela necessidade de subsídios com conceitos e indicações sobre as dimensões da temática. Mas neste momento, cabe ressaltar que dentre os aspectos que interferem na qualidade, podemos destacar o nível do professor: sua formação, profissionalização e ação pedagógica.

Segundo Soares (2010), o tema qualidade, torna-se mais evidente no âmbito da escolarização básica, tendo como privilégio a questão da qualidade da alfabetização, porém as discussões estão envolvidas em um objeto que ainda não se configura com clareza, tendo como perspectivas básicas a busca pelos determinantes da qualidade, ou a avaliação dos resultados do processo

de ensino e aprendizagem da língua escrita. Ambas as perspectivas têm como pressuposto que tem-se a clareza do conceito, quando nos referimos à alfabetização. Porém, são levantados nestas perspectivas os fatores responsáveis pela qualidade do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, apresentando propostas de intervenção que visam atuar sobre esses fatores. E depois, são analisados os resultados do processo escolar de alfabetização, índices de exclusão, evasão, repetência, sem explicar quais foram os conhecimentos à criança negados.

Soares (2010) ressalta a necessidade de compreender o que se espera que as crianças conheçam, aprendam para serem consideradas alfabetizadas. Ela afirma que a qualidade da alfabetização diz respeito às propriedades e condições que determinam a natureza do que é alfabetização. Antes de buscar fatores determinantes é necessário definir que atributos e condições devem ser aferidos numa avaliação dessa qualidade.

A análise da autora sobre qualidade, busca destacar a necessidade de uma prévia reflexão sobre os conceitos da alfabetização, para não correr o risco de aferir um conceito demasiado amplo ou excessivamente restrito ao termo qualidade da alfabetização. Para garantir o exercício da cidadania, é necessário refletir sobre a alfabetização no seu significado social, político, cultural e ideológico.

Referente ao processo de alfabetização, Soares (2010) realiza inúmeros estudos sobre as facetas de alfabetizar, observando as dificuldades para conclusão da antiga 1ª série, o que torna o Brasil um país que reincide no fracasso em alfabetizar. Em suas pesquisas realiza diversos levantamentos sobre as demais pesquisas realizadas no nosso país com foco em: “Quais são as causas desse fracasso?”

Porém, a grande dificuldade está em compreender os demais levantamentos realizados, devido aos dados não integrados e não conclusivos, com tratamento independente das pesquisas, o que traz dados muitas vezes incoerentes e excludentes, tratando a questão de forma independente. As pesquisas buscam a explicação do problema, segundo Soares (2010), ora no aluno, ora no contexto cultural do aluno, no professor, no método, no material didático e no próprio código escrito.

O conceito de alfabetização para Soares (2010) ultimamente tem recebido um significado demasiado abrangente, considerando-a como um processo permanente, não se esgotando a aprendizagem da leitura e da escrita. O sentido etimológico do termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar a aquisição do alfabeto”, ensinar as habilidades de ler e escrever. Mas o termo alfabetização pedagogicamente é muito amplo, negando sua especificidade, que se configura nas habilidades básicas de leitura e escrita, na definição da competência em alfabetizar. A alfabetização, de acordo com a autora, é um processo de representação de fonemas em grafemas, mas também diz respeito à compreensão e expressão de significados com o código escrito, não apenas uma tradução do oral para o escrito.

Para Soares (2010), a alfabetização é um conjunto de habilidades, caracterizando sua natureza complexa, multifacetada. Para uma teoria coerente, a alfabetização necessita de uma integração de estudos e pesquisas sobre suas diferentes facetas. Observando diferentes perspectivas de estudos: psicolinguística, sociolinguística, psicológica, linguística e os aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos.

As diferentes facetas envolvidas no fenômeno alfabetismo, segundo Soares (2010), demonstram a variedade e heterogeneidade de dimensões, perspectivas teóricas e metodológicas que buscam analisar esse fenômeno, tendo entre elas, a perspectiva educacional ou pedagógica:

...que investiga as condições institucionais e programáticas de promoção do alfabetismo, os processos metodológicos e didáticos de introdução de crianças e adultos no mundo da escrita, as relações entre o grau de alfabetismo de diferentes contextos familiares e o sucesso ou fracasso na aprendizagem da língua escrita. (Soares, 2010, p. 39)

O conceito de alfabetismo possui duas grandes dimensões, sendo uma delas individual e a outra social. Para Soares (2010), conceituar alfabetismo na dimensão individual é uma tarefa muito difícil, por se tratar de inúmeras as habilidades pessoais que podem constituir um sujeito alfabetizado:

Enquanto as habilidades de conhecimentos de leitura se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de integrar informação obtida de diferentes textos, as habilidades e conhecimentos de escrita estendem-se desde a habilidade de

simplesmente transcrever sons até a capacidade de comunicar-se adequadamente com um leitor em potencial. (Soares, 2010, p. 31).

Desta forma, fica evidente que não é extremamente preciso o conceito de alfabetismo, segundo Soares (2010), mesmo se tentarmos formular seu significado. Pois quais seriam as habilidades ou conhecimentos de leitura e escrita que deveriam ser consideradas, para caracterizar a condição de alfabetismo? Em 1958 a UNESCO buscou padronizar os conceitos alfabetizado e analfabeto para realizar suas estatísticas com mais precisão, tentando realizar uma distinção entre os dois conceitos:

É alfabetizada a pessoa que é capaz de ler e escrever com compreensão um enunciado curto e simples sobre a vida cotidiana. É analfabeta a pessoa que não é capaz de ler e escrever com compreensão um enunciado curto e simples sobre a vida cotidiana. (UNESCO, 1958, p. 4)

No que diz respeito ao ponto de vista social, para Soares (2010) o alfabetismo não é uma condição pessoal, é uma prática social, que evidencia o que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escritas em seu contexto. Sendo assim, as relações entre alfabetismo, sociedade e cultura, as habilidades e conhecimentos sobre leitura e escrita não podem ser desvinculados de seus usos, e da identificação das habilidades de leitura e escrita necessárias para que um indivíduo *funcione* adequadamente naquele contexto.

Paulo Freire foi um dos primeiros a defender a necessidade da leitura e da escrita possibilitar ao indivíduo a transformação e compreensão da sociedade, evidenciando a necessidade da dimensão social do alfabetismo. Soares (2010), após diversas reflexões, ressalta a dificuldade em conceituar o termo alfabetismo, as necessidades de cada indivíduo indiferente de seu contexto, para considerá-lo alfabetizado, pois em algumas sociedades só o fato de escrever o próprio nome, já caracteriza o indivíduo como alfabetizado e em outras, as habilidades são mais abrangentes, como localizar, compreender e usar as informações de diferentes tipos de textos. O que torna impossível definir um conjunto universal de habilidades e conhecimentos necessários para caracterizar um sujeito alfabetizado.

O processo de alfabetização como dito anteriormente, por sua especificidade complexa necessita principalmente da articulação de perspectivas teóricas coerentes que conciliem resultados, buscando estruturar e estudar sobre cada uma dessas facetas, do dito complexo fenômeno da educação.

Para Soares (2010), cabe aos envolvidos na educação colaborar na solução para o combate precário de acesso que o povo brasileiro vem tendo à leitura e à escrita, soluções que levem à inserção na cultura letrada, não apenas para que o sujeito seja mais produtivo ao sistema, pois não basta saber ler e escrever, mas é necessário ter acesso à leitura.

Essa situação nos leva a necessidade de antes de tudo, verificar qual é a concepção dos professores sobre o conceito qualidade no processo de alfabetização.

Para Saviani (2009) as limitações existentes na formação de professores no Brasil se devem principalmente, porque durante muitos anos diferentes modelos de formação foram lançados, porém priorizando ou conteúdos ou formação didática, o que se tornou um dilema na formação de docentes. Se por um lado temos especialistas nos conceitos/saberes, por outro possuímos licenciados sem condições para transpor esses conhecimentos para os educandos. Em outros casos possuímos docentes com grande conhecimento da didática e poucos conhecimentos dos conteúdos. Desta forma, a proposta de Saviani está em recuperar o ato docente, que deve ser caracterizado por processos didático-pedagógicos que proporcionem a assimilação dos conteúdos.

De acordo com Saviani (2009), a formação docente tem em seus aspectos históricos, diferentes formas de organização ao longo do tempo, mas sua necessidade já era preconizada por Comenius, no século XVII. Porém, a implantação institucional de uma proposta foi realizada apenas no século XIX, a partir da preocupação com a instrução popular, sendo neste momento criadas as Escolas Normais. No Brasil a preparação docente surgiu de forma emergente após a independência, caracterizada por grandes momentos, todos ligados às políticas vigentes. Em alguns deles, a preocupação maior estava na forma, já em outros no conteúdo. Sendo assim, eram priorizados modelos diversos, com graus de importância diferentes a cada reforma, desta forma os

conhecimentos científicos e a formação didática eram conduzidos de acordo com cada proposta curricular. E a formação docente se refletia também na qualidade de ensino dos educandos.

O que segundo Saviani (2009) é um dilema, pois os dois aspectos, tanto conteúdos como os procedimentos didático-pedagógicos, devem integrar a formação docente. Mas o que se percebe é que a atual estrutura remete a seguinte situação: a Pedagogia não dá prioridade aos conteúdos que serão lecionados, já as demais licenciaturas se focam apenas nos conteúdos específicos, deixando de se preocupar com os procedimentos didático-pedagógicos. Para superar esta situação, Saviani propõe um caminho prático e objetivo para reformular os cursos de formação docente, seria analisar o currículo por meio dos livros didáticos, observando os processos didático-pedagógicos, pelos quais os conteúdos se tornam assimiláveis pelos educandos.

Segundo Emilia Ferreiro e Ana Teberoski (1999), no livro *Psicogênese da Língua Escrita*, a alfabetização das crianças deve ser realizada com oportunidades educacionais de igualdade, para evitar que essas crianças sejam excluídas do processo, pelo sistema educativo. Principalmente porque o ensino tradicional induz as crianças a produzirem os sons da fala, estes que ela já conhece, porém ainda não tem consciência, levando esta criança a situações insuportáveis de aquisição de saberes, sendo que, na verdade ela deveria apenas ser desafiada, para realizar novas reestruturações. Ler não é decifrar e escrever não é copiar, pois a linguagem é um instrumento vivo que segue sua evolução fora da escola. Desta forma, cabem às instituições de formação inicial e às escolas como ambientes de formação continuada, refletir sobre a importância de um processo de conhecimento científico e didático-pedagógica, pois não basta se direcionar a quem já sabe. O profissional precisa refletir sobre sua prática, entender como a criança aprende, compreender a função do “erro”, para a construção dos conhecimentos. Lembrando que nenhuma criança é uma tábua rasa, todos possuem algum conhecimento, desta forma, ninguém pode ser passivo no processo, aprendendo técnicas sem sentido.

A formação docente no Brasil, principalmente voltada à alfabetização é realizada com grande restrição, com uma carga horária pequena, geralmente em apenas um dos anos da graduação. Desta forma, podemos afirmar que não

há uma formação satisfatória para que os professores atuem como alfabetizadores e alcancem a tão sonhada qualidade no processo de alfabetização:

Finalmente, tudo o que foi dito nos permite concluir que a formação do alfabetizador – que ainda não se tem feito sistematicamente no Brasil – tem uma grande especificidade, e exige uma preparação do professor que o leve a compreender todas as facetas (psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística) e todos os condicionantes (sociais, culturais, políticos) do processo de alfabetização, que o leve a saber, operacionalizar essas diversas facetas (sem desprezar seus condicionantes) em métodos e procedimentos de preparação para a alfabetização e em métodos e procedimentos de alfabetização, em elaboração e uso adequados de materiais didáticos, e sobretudo, que o leve a assumir uma postura política diante das implicações ideológicas do significado e do papel atribuído à alfabetização. (Soares, 2010 p. 24).

Segundo Vasconcellos (2011), a formação ao longo da vida é uma necessidade constante de qualquer profissão, mas para os educadores ela é especial por alguns motivos: a complexidade da nossa atividade profissional, a crescente demanda da sociedade e a frágil formação inicial dos educadores. Para ele a didática é o campo mais específico da função docente, pois não basta dominar uma área do conhecimento para ser professor, é necessário possuir saberes pedagógicos, tendo a didática como eixo articulador.

“A formação docente é, atualmente, um dos mais importantes e delicados desafios na luta pela qualidade democrática da educação escolar. Merece relevo porque, como em qualquer profissão, a qualidade do trabalho está estreitamente vinculada à formação teórica e prática do trabalhador” (Vasconcellos, 2011 p.36).

Vanconcellos (2011) relata que muitos professores nem desconfiam da sua frágil formação, pois tiveram acesso à teoria na formação acadêmica, porém com base instrucionista, tanto o conteúdo, quanto a avaliação. Ressaltando que se incomoda com o fato dos professores não se envolverem na questão do fracasso escolar, responsabilizando o aluno pelo seu fracasso. O que se constata é o desinteresse pela formação didática, muitos professores desprezam a formação, seja inicial ou continuada. “Na atividade humana, o Querer não é tudo, mas tudo passa pelo Querer. A questão nuclear não é o pouco saber do professor, mas a falta do querer aprender, de querer superar” (Vasconcellos, 2011 p. 43). Segundo suas pesquisas, conhecer é construir significados, desta forma, é necessário buscar os elementos importantes para

que o aluno aprenda. Porque quando o professor sabe o que é decisivo para a aprendizagem do aluno, não se prende em detalhes e satisfaz as exigências.

Para Gadotti (2013) o tema da qualidade e da quantidade em educação continua tão atual quanto no século XIX. Afirmando que qualidade significa melhorar a vida das pessoas, pois está ligada ao bem viver das comunidades. “A qualidade na educação não pode ser boa se a qualidade do professor, do aluno, da comunidade é ruim. Não podemos separar a qualidade da educação da qualidade como um todo” (Gadotti, 2013 p.2).

Desta forma, afirma que o tema da qualidade é muito complexo e se altera no tempo e no espaço, de acordo com as exigências sociais. Relatando a necessidade de parâmetros de qualidade que envolvam as dimensões intra e extraescolares. Sendo a qualidade na educação o resultado das condições que oferecemos para ela. Implica também em saber de que qualidade está se falando, pois não existe apenas uma concepção de educação. Para ele o professor é um mediador de conhecimento, um problematizador, sendo que um bom professor é um profissional do sentido.

“Para melhorar a qualidade da escola pública é preciso investir na formação continuada do professor. É fundamental reafirmar a dignidade e a “boniteza” (Freire) dessa profissão, diante da desistência, da lamúria, do desânimo e do mal-estar docente, provocado pela exaustão emocional, pela baixa auto-estima e pelo pouco reconhecimento social dessa profissão. Ao lado do direito do aluno aprender na escola, estão o direito do professor dispor de condições de ensino e do direito de continuar estudando.” (Gadotti, 2013 p. 9)

Destaca que o conceito de qualidade da educação é “polissêmico” e para se chegar em resultados concretos, um grande conjunto de indicadores da qualidade devem ser levados em conta. Sendo que a qualificação do professor é estratégia para uma educação de qualidade. Mas o problema é que os cursos de formação de professores são, geralmente, ultrapassados. Gadotti (2013), assim como Vasconcellos (2011), afirmam que os cursos de formação de docentes são meramente instrucionistas. E destaca que nossos cursos precisam de um novo paradigma de formação. Principalmente porque qualidade não se mede pela reprodução de conteúdos, mas pela criação de conhecimentos.

### **3. Análise de informações coletadas**

A pesquisa para organização e levantamento das informações deste artigo é de natureza qualitativa, que produz uma relação mais profunda de seus significados e fenômenos. Esse formato de pesquisa busca compreender a dinâmica das relações que evidencia uma interpretação das ações humanas. Sendo de abordagem metodológica etnográfica, busca significados para os acontecimentos diários.

O presente trabalho é regido pela pesquisa qualitativa, que segundo Menga Lüdke, em conferência proferida na Universidade Federal do Paraná em setembro de 1994, sobre o tema Abordagens Qualitativas em Pesquisa Educacional, apresenta algumas características que a diferem das demais abordagens, uma vez que a mesma visa à descoberta, incita a busca de novos saberes a fim de solucionar problemas reais e não descarta conhecimentos teóricos preexistentes, mas articula-os com os novos dados decorrentes da pesquisa.

Diferentemente da abordagem tradicional, que não tem como preocupação a transformação e o conhecimento da realidade ao longo do processo de pesquisa, um dos aspectos mais marcantes da abordagem qualitativa é esse, de promover colaboração com os pontos positivos já existentes e com as novas descobertas feitas pelos pesquisadores da área. Nessa abordagem, as mudanças referentes aos questionamentos são contínuas: surgem a partir do contato com situações cotidianas e reais. A pesquisa é produzida através de constantes reelaborações de questões, o que permite uma maior chance de obtenção de resultados positivos, no campo estudado.

É importante ressaltar, que a teoria e prática se complementam e jamais se anulam, pois aquilo que é visto no campo pesquisado é questionado e interpretado a partir do que foi selecionado como referencial teórico, o que permite a superação do senso comum. Como foi posto anteriormente, na pesquisa qualitativa não se pode aceitar nenhum conceito como sendo uma “verdade absoluta” e é papel do pesquisador, ao avançar na compreensão da realidade estudada, reformular a teoria base e complementá-la com o que for necessário para enriquecer o conhecimento obtido.

Outro aspecto importante da pesquisa educacional qualitativa, diz respeito à ética do pesquisador. Espera-se do pesquisador uma postura respeitosa e imprescindível e que o mesmo seja fiel aos dados coletados, buscando no decorrer da pesquisa a superação do senso comum, respeitando as diferentes opiniões e visões de mundo. A pesquisa educacional encara a prática pedagógica como um grande desafio, já que inúmeros problemas e contradições estão presentes nesta área e acabam passando despercebidos pelos sujeitos inseridos nesta realidade. Com a abordagem qualitativa, teoria e prática se entrelaçam, buscando quebrar ideias errôneas e promover uma melhoria no campo educacional estudado.

A técnica de pesquisa de tipo Etnográfica se fundamenta principalmente na proximidade das perspectivas dos sujeitos, dos discursos e das práticas. Tendo como base a observação das ações humanas e sua interpretação. A pesquisa Etnográfica é o estudo da vida diária, na própria interação, descrevendo significados da realidade através do viés cultural. Entendendo os modos de vida, o ponto de vista do outro. Nela o pesquisador realiza a maior parte do trabalho de campo pessoalmente, imerso na realidade, compreendendo o fenômeno humano.

O campo desta pesquisa se caracteriza por uma escola pública municipal de São José dos Pinhais, que oferta ensino da educação básica para os anos iniciais do ensino fundamental. A escola está localizada na periferia do município, nas proximidades de Piraquara em área de diversos conflitos sociais, dentre eles desapropriação de residências, ocupação, enchentes, criminalidade e marginalidade. Foram colhidas diversas informações por meio de questionários, entrevistas, observações e um momento pedagógico, tendo como base a pesquisa qualitativa, conforme abordagem explicitada. Teve a participação de 12 profissionais docentes.

Todos os professores foram contratados por meio de concurso público, sendo que, recentemente, com a exigência de nível superior, licenciatura em pedagogia, ou outras licenciaturas acrescidas do curso técnico de magistério. Sobre a jornada de trabalho, observa-se que a maior parte dos profissionais atua no mínimo oito horas diariamente com a docência.

Em relação à experiência dos professores, verifica-se que a maioria possui mais de cinco anos de experiência com a docência, em instituições

públicas ou privadas, com o ciclo de alfabetização, que compreende os três primeiros anos do ensino fundamental. A respeito de suas experiências como alfabetizadoras, todas são conscientes do grande desafio de ensinar a linguagem escrita as crianças e a necessidade de preparação profissional.

Sobre a formação profissional, além do nível superior, oito profissionais possuem especialização em educação, uma está cursando mestrado profissional e todas participaram das formações voltadas à alfabetização no município. Dos professores entrevistados grande parte já realiza a formação oferecida pelo governo federal, Ministério da Educação (MEC), intitulado PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) desde 2013 e, aprovam esta iniciativa. Principalmente por se tratar de um curso com certificação, carga horária ampla e incentivo financeiro para a formação.

Ainda em relação ao PNAIC, observa-se a ampla adesão do grupo ao programa, que orienta a necessidade de participação de todos os professores alfabetizadores. Sendo assim, os profissionais capacitados pelo programa têm preferência para atuar nas turmas de alfabetização dentro das unidades municipais. Cabe ainda ressaltar que dos profissionais ouvidos neste estudo, a maioria concorda que os professores que atuam com turmas de alfabetização precisam ser mais valorizados, recebendo melhores remunerações, pois argumentam que o trabalho é mais cansativo e sistemático.

Outra situação mencionada pelos docentes entrevistados diz respeito ao ingresso na carreira, pois quando inseridos na escola, geralmente precisam assumir turmas de alfabetização, pois os professores mais experientes dão preferência a turmas de 4º e 5º ano. Desta forma, são desafiados a realizar suas atividades de docência, com pouca ou nenhuma experiência, tendo que responder pelos resultados esperados pela instituição, sem preparação adequada. E até mesmo sem acompanhamento pedagógico, parcerias com as famílias e acesso a atendimentos de apoio.

Durante as entrevistas observa-se a grande ansiedade dos profissionais para conceituar o que esperam que os educandos adquiram para concluir com sucesso o processo de alfabetização. Atingindo desta forma a tão almejada qualidade. Porém, neste momento, verificamos os grandes impasses a respeito dos objetivos esperados, cada profissional possui suas concepções sobre a

alfabetização e nos momentos de avaliação institucional é que temos a certeza desta afirmação.

Em relação à qualidade no fazer da alfabetização, observando os dados apresentados pelas entrevistas e questionários, são identificadas inúmeras significações sobre o que é alfabetismo. Porém, em todas as respostas encontram-se os conceitos saber ler e escrever, dentre outros mais específicos. Desta forma, pode-se perceber que dentro de uma mesma unidade educacional, os profissionais buscam objetivos diferentes, para o sucesso da alfabetização.

No momento de Conselho de Classe várias discussões foram levantadas, sobre o que a unidade escolar e o próprio Projeto Político Pedagógico (PPP) esperam do processo de alfabetização. Porém, se torna clara a falta de concepção até mesmo no documento, que ao ser consultado pelos professores, não traz grandes explicitações sobre as especificidades desta etapa. Neste momento, uma professora se manifesta, relatando a importância de antes de tudo, entrar em um consenso, elaborando um documento sobre os saberes necessários para considerar um sujeito alfabetizado, evitando assim, tantas confusões decorrentes da falta de informação.

Os profissionais não compreendem exatamente quais são as expectativas das avaliações externas e do próprio currículo. Principalmente pelas inovações curriculares e propostas de ensino, que debatem de forma superficial com os pares e, realizam alterações, sem formações para os professores. Sendo assim, fica evidente que as interpretações são diferenciadas sobre as habilidades necessárias para considerar um sujeito alfabetizado. Embora para o conceito de analfabetismo, encontram-se características muito similares nas respostas, sendo a principal, “não saber ler e escrever”.

Sobre o fracasso escolar no processo de alfabetização da escola pública, relatam dentre as principais causas, a falta de conhecimentos profissionais, a inexperiência, a deficiência nos cursos de formação em nível superior, a falta de formações continuadas, o número de alunos por turma, os problemas sociais, as limitações de recursos físicos e materiais etc. Desta forma, fica claro que a formação docente ainda é um grande desafio, pois a maior parte dos professores é consciente de suas limitações.

Os profissionais entrevistados relataram que mesmo com formação em nível superior, que contemplasse no currículo a disciplina de alfabetização, não se sentiram preparados após a conclusão do curso para lidar com a realidade da escola pública. Dentre os determinantes para a fragilidade de suas formações foram apontados: a falta de conexão da teoria com a prática, a carga horária para conclusão das ementas e a despreparação dos professores das universidades, em conduzir de forma didática seus conhecimentos. Além da ausência de estudos práticos sobre as metodologias utilizadas no Brasil, no que diz respeito à alfabetização de crianças, pesquisas sobre os significados de alguns conceitos tão importantes como: alfabetização, analfabetismo e letramento.

Apontaram como medidas para superar esta falha no sistema de ensino, a ampliação da carga horária para a disciplina de alfabetização, a obrigatoriedade de estágios supervisionados nesta etapa e revisões na organização dos conteúdos trabalhados nas universidades, assim como melhores propostas didáticas. Visando o trabalho com o material didático oferecido pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), de forma analítica e contextualizada. Cabe neste momento ressaltar que os profissionais que realizaram esta pesquisa frequentaram o nível superior presencial, sendo a maioria em instituições privadas.

Em relação às formações continuadas, relatam que desde o ingresso no município não receberam grandes oportunidades de aperfeiçoamento, pois as organizações dos momentos de estudos não foram elaboradas com eficiência. Principalmente devido à quantidade de profissionais por palestra, problemas de sonorização, iluminação e a própria evolução dos palestrantes. Sem falar, na falta de recursos didáticos, como materiais de apoio e exemplificações coerentes com a realidade. Ainda sobre a formação continuada, retomam a falta de oferta de cursos de aperfeiçoamento, sobre a temática da alfabetização, retratando que nos últimos cinco anos, apenas um curso foi ofertado com a duração de cinco encontros, fato questionado pelo grupo.

Sobre os desafios da alfabetização, retomam a falta de preparação para lidar com as situações reais, pois ao assumirem uma turma desta etapa, se deparam com crianças em defasagem idade/série, devido a inúmeras reprovações, aumentando os conflitos de relacionamento entre as crianças de

idades tão diferenciadas, o que acarreta problemas disciplinares. Para atingir crianças tão desacreditadas, até mesmo pelos familiares, os professores apontam a necessidade de conhecimentos aprofundados sobre psicologia, desenvolvimento humano, interação e didática.

De acordo com as limitações encontradas na formação docente, refletem sobre a necessidade de incentivos nos planos de carreira, para que busquem formações individuais, de acordo com as suas necessidades. Mas desta forma, será necessário repensar a valorização profissional, pois atualmente os professores precisam aumentar sua carga horária de trabalho para melhorar seus salários. Não tendo assim, momentos destinados aos estudos, ou dispensas para realizá-los.

Em relação às possibilidades de sua formação, retratam que mesmo com tantas deficiências, conseguem ter ao menos consciência de suas limitações, buscando auxílio entre os pares, cursos de especialização e inserção em programas do governo federal de aperfeiçoamento. Reforçaram a satisfação em participar do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), que teve início em 2013, com foco na alfabetização em língua portuguesa, e neste ano com as habilidades da alfabetização matemática. Mesmo com alguns questionamentos sobre a formação dos tutores deste projeto, que também não estão tão preparados para o grande desafio, reforçam a importância de iniciativas como esta. Principalmente por se tratar de uma formação teórica e prática, com oferta de material didático apostilado, com sugestões de jogos e atividades lúdicas, tendo também como proposta um conhecimento aprofundado sobre a realidade dos estudantes e a elaboração de sequências didáticas.

#### **4. Considerações finais**

Durante a pesquisa pode-se constatar que a reincidência no fracasso do processo de alfabetização se deve a inúmeros fatores, porém a formação docente ocupa lugar de destaque. Principalmente pela necessidade de novas propostas curriculares para a formação inicial, continuada e em serviço dos professores. Isso se deve principalmente aos relatos dos profissionais, que não se sentem qualificados para atuar de forma significativa na etapa de

alfabetização. Retomando as falhas encontradas durante sua profissionalização, que não lhes permite conceituar o significado de “qualidade no processo de alfabetização”, dificultando a busca por melhores intervenções, já que não se sabe realmente os objetivos que se almejam.

Fica evidente nos levantamentos desta pesquisa que os professores sentem a necessidade de formações continuadas adequadas, com profissionais capacitados e acesso a troca de experiências com outros profissionais. Buscam aprimoramento e debates sobre entendimentos dos conceitos e determinantes da qualidade do ensino nesta etapa. Para uma melhor atuação profissional, metodológica e didática, os municípios precisam realizar parcerias para incentivar os professores e as políticas públicas precisam rever as propostas pedagógicas e matrizes curriculares dos cursos de licenciatura, principalmente os de atuação nos anos iniciais.

Pode-se constatar que não basta contratar professores por meio de concurso público para melhorar os resultados, é necessário o investimento na carreira, na formação, na profissionalização e na ação pedagógica. Melhorando também fatores relacionados às condições físicas, materiais e existenciais da escola pública. Os professores que participaram deste estudo revelaram suas inquietações, dificuldades e principalmente as limitações de suas formações, deixando claro que precisam de investimento, que estão preocupados com os índices e que necessitam da aquisição de conhecimentos mais aprofundados sobre a alfabetização.

Por fim, vale destacar que os estudos realizados nesta pesquisa, demonstram a necessidade de outras pesquisas sobre as concepções dos professores sobre a alfabetização, sobre a funcionalidade da preparação recebida pelo PNAIC frente aos desafios da sala de aula e principalmente sobre novas propostas de organização dos cursos de pedagogia. Pois, que a preparação recebida não está sendo suficiente conseguiu-se perceber com clareza, mas de que forma ela deve ser estruturada ainda necessita de grandes estudos. Se tratando de um fenômeno complexo, a formação inicial dos docentes precisa de pesquisas detalhadas e realmente de mudanças significativas. Assim como, a organização de formações continuadas e em serviço, precisam vir de encontro à necessidade dos profissionais, esclarecendo suas principais dúvidas e os qualificando para o ato docente.

### **Referências bibliográficas**

DOURADO, L; OLIVEIRA, J; SANTOS, C. **A qualidade da educação: Conceitos e definições.** Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira.

FERREIRO, E; TEBEROSKI, A. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

GADOTTI, M. **Qualidade na educação: uma nova abordagem.** COEB (Congresso de educação básica: qualidade na aprendizagem), 2013.

LIMA, C.M.G. de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.de; KAKEHASHI, S. **Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão.** Rev. latino-am. enfermagem, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, janeiro 1996.

SAVIANI, D. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro.** Revista Brasileira de Educação, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Ed. Contexto 2010.

VASCONCELLOS, C. S. **Formação didática do educador contemporâneo: desafios e perspectivas.** In. Universidade Estadual Paulista. Prograd. Caderno de Formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. P. 33-58, V. 9.